

Resenha

Imaginário, mitos, cultura e natureza do pantanal mato-grossense

LEITE, Mário Cezar Silva. **Águas encantadas de Chacororé: natureza, cultura, paisagens e mitos do pantanal**. 1. ed. Cuiabá: Cathedral Unicen Publicações, 2003. 156 p.

Maureci Moreira de Almeida¹

O pantanal mato-grossense sempre despertou a curiosidade e o imaginário das pessoas. É constituído por uma paisagem repleta de belezas naturais, singulares e misteriosas, que compõem o cenário e a vida cotidiana dos povos ribeirinhos pantaneiros. Por vezes, também toca profundamente a sensibilidade daqueles que o conhecem por meio de um passeio turístico, ou mesmo quando realizam estudos e pesquisas diversas dentro de suas fronteiras encantadas. Este último parece ter sido o caso do professor e pesquisador da Universidade Federal de Mato Grosso Mário Cezar Silva Leite, mestre em Literatura Brasileira e doutor em Comunicação e Semiótica, que, tocado pelos encantamentos do pantanal e interessado em desvelar o mundo pantaneiro, aborda em sua obra questões fundamentais para compreender essa dimensão, sobretudo nas perspectivas da mitologia, do imaginário, da paisagem, dos mitos d'água e dos seres encantados. Esses elementos culturais, no mundo contemporâneo regido pela razão instrumental, pelo consumismo e dominado pelo capitalismo voraz, são relegados muitas vezes aos guetos do conhecimento como algo sem importância e distanciado da realidade objetiva. Considerando que no mundo atual o encantamento e as narrativas míticas perdem espaço a cada avanço tecnológico e descobertas científicas, este livro mostra que há lugares, espaços e territórios onde a narrativa e a expressão mítica ainda estão presentes de maneira viva e concreta, apesar de todo o progresso no campo da ciência em geral.

¹ Mestre em Estudo de Cultura Contemporânea (ECCO) e especialista em Relações Raciais e Educação na Sociedade Brasileira pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Tem bacharelado e licenciatura em Filosofia pela UFMT. Atua com a formação continuada de professores no Centro de Formação e Atualização dos Profissionais (Cefapro) da Educação Básica de Mato Grosso, nos municípios de Pontes e Lacerda (MT).

Assim, a obra de Mário Cezar Silva Leite procura descortinar os encantamentos e os mitos d'água que circundam a Baía de Chacororé em pleno pantanal mato-grossense, local onde a própria baía, de acordo com o autor, constitui um grande ser que concebe e promove a vida de outros seres d'água encantados.

A narrativa dos habitantes da Baía de Chacororé, expressa na obra *Águas encantadas de Chacororé: natureza, cultura, paisagens e mitos do pantanal*, é envolvente. Sua leitura nos insere em uma espécie de universo paralelo extremamente rico e complexo, revelando uma perfeita simbiose entre cultura, natureza e os povos ribeirinhos, os quais a natureza ora beneficia, ora castiga. A narrativa mítica, nesse caso, é uma característica e um resquício do processo de desenvolvimento humano, abrangendo tanto a linguagem quanto a percepção concreta das coisas e da natureza, para dizer o que é o mundo e qual o lugar do ser humano nele.

Diante disso, a obra de Mário Cezar Silva Leite, ao buscar compreender os homens e as mulheres daquela paisagem, encontra também toda uma cosmovisão (*Weltanschauung*) alicerçada nas águas encantadas do espaço pantaneiro.

Outra discussão implícita que perpassa a obra do autor diz respeito à questão racial, que não é explorada com profundidade em suas análises, mas vale a pena ser refletida nesta resenha como um recorte e um viés possível da leitura de *Águas encantadas de Chacororé: natureza, cultura, paisagens e mitos do pantanal*.

Ao ler o livro, assistir ao documentário² (este último baseado na obra do autor) – produzido pela jornalista Danielle Bertolini – e após ouvir o próprio Mário Cezar Silva Leite sobre sua produção, percebe-se que os seres míticos com formas humanas tinham uma particularidade em comum. Na narrativa e nas descrições dos ribeirinhos, esses seres têm suas características fenotípicas do homem e da mulher brancos. No entanto a ascendência do povo ribeirinho da Baía de Chacororé, pelo que consta nos argumentos da obra, é indígena e africana. O autor, a esse respeito, afirma que a “população que se espalha ao longo das margens do Rio Cuiabá e que sobrevive da pesca ou de pequenas roças, de maneira geral chamada de pescadores, compõe-se, mais acentuadamente, de uma ‘mescla de índios e negros’” (LEITE, 2003, p. 50).

Isso pode ser constatado visualmente quando se observa o fenótipo da população que pertence ao município de Barão de Melgaço, em Mato Grosso. Há também a ascendência europeia, mas, nesse caso, as influências raciais e culturais dos indígenas e dos africanos predominaram. Suas marcas estão evidenciadas nos costumes culinários, no linguajar e em uma visão diferenciada de mundo e da natureza, pois todos esses elementos estão perfeitamente conectados à Baía de Chacororé.

Em relação ao linguajar dos ribeirinhos, de acordo com Costa (2011), o idioma português recebeu uma influência profunda das línguas africanas e indígenas. Segundo a autora, tais influências contribuíram para suavizar e dar mais doçura ao português, que, como uma das línguas europeias, tem como característica a aspereza na sua forma de pronunciar as palavras. As línguas africanas deram uma sonoridade mais delicada às expressões linguísticas de matriz europeia.

Assim, conforme Mário Cesar Silva Leite, ao ouvir a sonoridade do linguajar dos ribeirinhos de Chacororé se percebem tais nuances.

Além do hibridismo no linguajar dos povos ribeirinhos, os seres míticos com traços humanos que habitam a paisagem cultural e natural da Baía de Chacororé também são marcados pelos sinais do branqueamento. Este último surgiu no Brasil, como teoria e também como ideologia, entre o fim do século XIX e início do século XX, alimentando o desejo e o imaginário das elites brasileiras de transformar a nação em um país civilizado, tanto do ponto de vista moral quanto do tecnológico.

Alcançar esse estágio civilizado não seria possível se negros e indígenas continuassem sendo a matriz geradora da população.

² O documentário *Águas encantadas do pantanal* está disponível no seguinte endereço eletrônico: https://www.youtube.com/watch?v=yn_s75vrLvk.

As elites constituídas, principalmente, por grandes fazendeiros de café, jornalistas, médicos e intelectuais sustentavam a teoria/ideologia do branqueamento, considerando que, para resolver o problema de como “clarear” o Brasil, seria necessário “importar” por meio da imigração os europeus para as terras brasileiras.

Segundo Müller (2011), a maioria dos imigrantes que se interessavam em vir para o Brasil era composta por pessoas com pouco conhecimento tecnológico e baixo nível de instrução. Os que detinham algum conhecimento mais específico e sofisticado preferiam ir para os Estados Unidos ou para a Argentina. Sobravam para o Brasil os indesejados da Europa. Eram os descendentes fragmentados da cultura europeia; as elites (entre o fim do século XIX e início do XX) acreditavam que eles iriam melhorar e aprimorar a “raça” brasileira.

Nesse período os intelectuais, os cientistas e os políticos afirmavam solenemente a superioridade do homem branco, em detrimento de negros e indígenas, que não tinham a tez branca, cabelos loiros, nariz afilado, sorriso rosado e olhos claros. Essa teoria reforçava uma ideologia amplamente aceita pela sociedade da época.

Muitos acreditavam que os brasileiros, por serem mestiços, eram inferiores cultural e intelectualmente e que somente o branqueamento poderia fazer o país avançar. Ainda nesse período grassavam as concepções eugenistas, proclamando que o Brasil, para ser realmente desenvolvido, necessitaria ser branqueado. Isso poderia, na visão de alguns intelectuais e médicos higienistas mais fascinados, ser feito dentro de poucas gerações.

Infelizmente a teoria/ideologia do branqueamento ainda está ativa na sociedade brasileira. Isso pode ser observado, de maneira geral, no discurso e no modo de ser das pessoas. Ela está presente nos livros didáticos destinados à educação de crianças e jovens e nos meios de comunicação de massa, carregados de estereótipos, introjetando a concepção falsa de que o certo mesmo é ser branco, desprezando a diversidade étnica e racial do país.

Na obra de Mário Cezar Silva Leite, embora ele não toque com profundidade na questão racial, como já mencionado, fica evidenciado o branqueamento nos relatos míticos dos povos ribeirinhos da Baía de Chacororé. Um exemplo disso é a seguinte passagem da obra: “[...] a Mãe-d’Água loira que toma banho de sabonete e perfuma toda a baía é a mesma que ‘benze’ os anzóis dos pescadores e também a mesma que é a dona das águas” (LEITE, 2003, p. 80).

De acordo com o autor, a Mãe-d’Água da Baía de Chacororé, loira e de cabelos lisos, é a senhora que governa as águas da paisagem pantaneira. A figura desse ser foi branqueada, como no caso do orixá africano Iemanjá, uma deusa também das águas, pois a característica fenotípica da maior parte da população ribeirinha da Baía de Chacororé é indígena ou negra. Nesse caso, como explicar que a Mãe-d’Água, um dos principais elementos míticos desse espaço, tem fortes traços europeus? O autor não trata diretamente de tal questão, mesmo porque a problemática racial não foi o enfoque principal de seu estudo. Entretanto sua obra leva o leitor mais atento a indagar sobre a questão racial na Baía de Chacororé. Se a predominância é de descendentes de negros e indígenas, certamente os seres míticos daquele lugar, pelo menos os que aparecem com formas humanas nas narrativas, deveriam ter características físicas desses grupos.

Nessa perspectiva, os mitos dos povos ribeirinhos também são a expressão da ideologia dos colonizadores, abrangendo principalmente as crenças religiosas, mitológicas, os valores econômicos, políticos, raciais e territoriais.

Assim, pelo fato de o pantanal possuir um vasto território, as narrativas nele encontradas que envolvem os mitos d’água dos habitantes da Baía de Chacororé apresentam diferenças em relação aos relatos dos pantaneiros sul-mato-grossenses. Nesse sentido, o autor destaca: “[A] diferença substancial que se estabelece é que, na Chacororé, estes seres pertencem ao seu encanto e o comprovam. São misturados a ela. E ao mesmo tempo aparecem de forma mais estreita ligados a uma espécie de presença humana” (LEITE, 2003, p. 84). Ou seja, na narrativa dos ribeirinhos, os seres míticos da Baía de Chacororé estão vivos e simultaneamente encarnados, ligados a uma corporeidade que os acopla ao mundo

físico, o que não parece ficar evidente na narrativa acerca dos seres mitológicos do pantanal sul-mato-grossense.

Segundo Mário Cezar Silva Leite, os seres encantados seriam uma manifestação da própria baía, uma espécie de materialização das águas encantadas na forma dos diversos seres míticos existentes naquela paisagem. Entre esses seres, os que possuem a forma humana são branqueados, apesar da forte ligação e referência com as entidades religiosas afro-brasileiras. Para exemplificar, o autor relata que um dos moradores da baía foi pescar certa vez e não estava conseguindo nenhum peixe. Fez então uma promessa à Mãe d'Água: se pegasse peixe levaria para ela como oferenda um sabonete, uma toalha e um pente brancos. Conseguiu pescar algum tempo depois uma grande quantidade de peixes, porém, após essa grande captura, como não havia cumprido com o prometido não pescou mais nada na baía daí em diante. Foi então que se lembrou da oferenda. Levou os presentes até a lagoa e depositou a toalha, o pente e o sabonete às margens das águas. E, no cair da noite, podia-se sentir o aroma do sabonete em toda a extensão da Baía de Chacororé, evidenciando o acolhimento da oferenda pela Mãe-d'Água.

Um recorte importante que merece destaque aqui diz respeito à influência afro-brasileira na configuração desse mito. O autor argumenta:

A Mãe-d'Água que se banha com sabonete na baía de Chacororé insere-se no conjunto de seres-serpentes aquáticos, realizando uma de suas possibilidades de configuração. Nesta Mãe-d'Água também é possível identificar, e bastante forte, a presença de deusas e entidades do universo religioso afro-brasileiro. [O] ciclo da Mãe d'Água geralmente é apontado, nos estudos brasileiros, como assentado no cruzamento entre os imaginários indígena, português e africano. Entretanto, em certos casos, ele seria mais fortemente africano (LEITE, 2003, p. 96).

Os portugueses, como aponta o autor, também trouxeram para as terras recém-encontradas seus mitos d'água carregados de encantos, influenciando a consolidação dos mitos brasileiros, sobretudo os de origem africana e indígena, que fundamentam os mitos d'água na Baía de Chacororé.

Mas por que, então, os seres encantados com aspectos humanos têm a aparência de mulheres e homens brancos? Uma possível resposta para tal questão seria por causa da dominação exercida pelos colonizadores no passado, especialmente pelo ideal de beleza e de comportamento transmitidos por eles, como se fossem as únicas referências culturais e éticas no mundo, e pela difusão da ideologia/teoria do branqueamento no fim do século XIX. Mas esta última teria uma responsabilidade a mais ao difundir um ideal de características fenotípicas desses seres míticos, tanto em relação à Mãe-d'Água quanto do protetor da baía.

Nas narrativas dos entrevistados que aparecem na obra, por exemplo, pode-se notar que o protetor da baía, bem com a Mãe-d'Água, são seres distintos e elegantes. Todavia, se forem comparados ao Negrinho d'Água, este não teria a mesma distinção dos outros dois. Ele tem a forma de um humanoide, com traços monstruosos, grotescos e que causam ojeriza.

Os outros seres míticos que surgem nas narrativas dos moradores de Chacororé são realmente monstruosos, assemelhando-se a animais e fenômenos da natureza, com marcas indistintas, tais como: a serpente d'água, o minhocão, a Mãe do Ouro, o fogo e as ondas da baía.

Nos relatos dos ribeirinhos, os seres míticos com formas humanas representam um fenótipo ideal de pessoa. Por mais que tenha ocorrido o sincretismo dos mitos, as características físicas dos antigos colonizadores predominaram na composição dos mitos d'água da Baía de Chacororé.

Para encerrar, é importante destacar que a obra de Mário Cezar Silva Leite é um convite para conhecer de maneira mais aprofundada a região do pantanal mato-grossense, com suas

paisagens, seus mitos e seu povo. A natureza encantada da Baía de Chacororé em conexão com seus habitantes produz uma beleza mágica. A própria baía representa um grande ser que estrutura e ritmiza a vida dos ribeirinhos, com seus seres míticos que povoam as águas pantaneiras.

O imaginário dos ribeirinhos de Chacororé é retratado na obra de Mário Cezar Silva Leite com cuidado e respeito, e os destaques dos relatos e do linguajar cuiabano são apresentados como expressões de uma identidade pantaneira e mato-grossense ricas culturalmente. Dessa maneira, a Baía de Chacororé compõe uma das marcas da cultura regional, com seus mitos d'água, seus moradores reais e imaginários, sua paisagem constituída pela fauna e flora peculiares.

Por possuir um caráter interdisciplinar, tal obra talvez se encaixe mais no repertório de um trabalho científico-literário, no qual se pode encontrar a descrição de um pantanal encantado, cheio de vida biológica, social e mítica. Nesse caso, a principal virtude do autor foi descrever toda uma cosmovisão acerca da Baía de Chacororé que entrelaça, em uma sincronia ímpar, realidade e imaginário.

REFERÊNCIAS

BERTOLINI, D.; OLIVEIRA, A. **Águas encantadas do pantanal**. Videodocumentário. TV PUC, 2001.

COSTA, C. S. da. **Reminiscências africanas no português do Brasil**. Cuiabá: EdUFMT, 2011.

HOFBAUER, A. **Branqueamento e democracia racial: sobre as entranhas do racismo no Brasil**. Disponível em: <http://andreashofbauer.files.wordpress.com/2011/08/branqueamento-e-democracia-racial_finalc3adssima_2011.pdf>. Acesso em: 7 maio 2016.

JESUS, L. H. de; DALLABRIDA, E. da C. C. **Construção social da ideia de raça**. Cuiabá: EdUFMT, 2011.

LEITE, M. C. S. **Águas encantadas de Chacororé: natureza, cultura, paisagens e mitos do pantanal**. 1. ed. Cuiabá: Cathedral Unicen Publicações, 2003.

MÜLLER, M. L. R. **Pensamento social brasileiro e a construção do racismo**. Cuiabá: EdUFMT, 2011.